

## **CAMINHO CERTO X ARMADILHA PASSAGEIRA: A ABORDAGEM DOS RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS E HOMOSSEXUAIS NAS COLUNAS DE CONSULTA DAS REVISTAS ATREVIDA E TODATEEN**

Marcela Pastana

Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Universidade Estadual Paulista- UNESP- Campus de Bauru

Curso de Formação de Psicólogos- Faculdade de Ciências

Financiamento: Bolsa PIBIC/CNPQ

### **RESUMO**

Com o objetivo de investigar como são representados os relacionamentos homossexuais e heterossexuais nas revistas femininas para adolescentes *Atrevida* e *Todateen*, foi realizada uma análise qualitativa-descritiva das colunas de consulta das edições entre março e dezembro de 2010. Foram selecionadas perguntas com o mesmo tema sobre dúvidas que envolviam o sentimento por pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto, e nas respostas apresentadas foram identificados e discutidos os padrões normativos mais frequentes. Esses padrões estavam relacionados principalmente à compreensão da heterossexualidade enquanto naturalizada, esperada e incentivada e a atração por pessoas do mesmo sexo representada como possivelmente passageira, como uma confusão e um equívoco. Os resultados obtidos ilustram como a Heteronormatividade é reiterada pelo discurso das revistas, que é permeado por regras e prescrições que negligenciam a diversidade e a multiplicidade da sexualidade humana e a importância de discutir e desconstruir preconceitos.

Palavras-chave: Heteronormatividade; Sexualidade Feminina; Sexualidade Adolescente.

### **INTRODUÇÃO**

Muitos trabalhos têm destacado problemas na forma como os meios de comunicação compreendem e abordam as diversidades sociais e culturais, tratando aqueles que não se encaixam nos padrões vigentes como um "outro" a normalizar ou a excluir (FISCHER, 1996; 2003; LOURO, 2004; MEYER, 2009). É frequente um discurso que estimula a "tolerância", atribuindo aos "normais", o papel de aceitar os "diferentes",

ignorando a dimensão política e social da diferença, as lutas de poder concretas em que essas diferenças se inscrevem de forma a reforçar preconceitos ao invés de combatê-los, já que tal visão reafirma a superioridade daqueles que se adequam as normas e mantém muitos grupos do papel distante de "outros" a serem aceitos (FISCHER, 2003; FACCO, 2009; FELIPE & BELLO, 2009; LOURO, 2003).

Fischer (2003) e Oliveira (2005) destacam como a diferença tem adquirido destaque em diversos campos do conhecimento, espaços educacionais, práticas políticas, movimentos sociais etc. Embora seja importante e existam conquistas significativas com relação ao aumento da visibilidade, ainda é comum que a abordagem sobre os diferentes ocorra de forma pontual e deslocada, recoberta por um aspecto de "novidade", tratando-os como detalhes, como se os diferentes fossem apenas aqueles que não correspondem aos padrões vigentes, ignorando a diversidade de todas as pessoas em todas as relações.

Em sua tese de doutorado "Adolescência em Discurso- Mídia e produção de subjetividade", Fischer (1996) discorre como a mídia constrói um sujeito adolescente, propondo-lhe uma multiplicidade de normas, regras e práticas de si. A construção dos discursos da mídia expõe o jogo social de inclusão e exclusão de diferentes adolescências, sendo os principais marcadores as condições de classe e gênero. A autora parte das idéias de Foucault sobre o dispositivo de sexualidade para analisar o caráter confessional cada vez mais frequente nos espaços midiáticos. A autora destaca a maciça presença de profissionais de diferentes áreas no meio de comunicação, encarregados de definir, classificar, explicar, aconselhar, de forma que eles possuem um importante papel na construção do que é considerado adolescência. Aponta como as inúmeras práticas médicas, pedagógicas, psiquiátricas, psicológicas participam de um mecanismo de produção de verdade que alia uma profunda vontade de saber a uma obstinada vontade de não saber, já que muitas das questões relacionadas à adolescência e à sexualidade são recobertas de desconhecimentos, subterfúgios e esquivas. Louro (2003), Facco (2009) e Junqueira (2008) também discorrem sobre como o silêncio pode ter a função de garantia da "norma" já que ignorar é uma forma de manter valores e comportamentos tidos como "saudáveis" e "bons". Mas a ausência de informações acerca de certos aspectos da sexualidade não é apenas um "não-conhecimento", pode ser uma deliberada oposição ao saber. O "desejo de não saber" é manifesto em uma relutância, indisposição em admitir e reconhecer a existência do "outro".

Fischer (1996), Miguel (2005), Lira (2009), Buitoni (1981) e Santos (2006), destacam também a função “educativa” assumida pelas revistas femininas para adolescentes visando orientar as meninas, informá-las sobre todos os detalhes de sua vida sexual e amorosa, todos os problemas de saúde próprios da idade e da mulher, todas as técnicas, exercícios e regras para cuidar do corpo, da higiene, da alimentação, colocando-se no lugar de poder e autoridade, como amiga e conselheira, num discurso, que, apesar de normativo e prescritivo, se dá em tom de proximidade, intimidade e persuasão.

Assim, o poder se dá não de forma negativa por meio de proibições, mas de forma produtiva, fabricando sujeitos e saberes, de uma forma tão sutil e sofisticada que se torna difícil questionar estes mecanismos, até porque eles acabam sendo percebidos como um bem. Nos testes, matérias, reportagens, seções de cartas etc., diferentes processos de formação dos sujeitos são propostos como normas e normalidades de ser, diante de discurso das próprias adolescentes que expressam suas dúvidas, conflitos, aflições, temores em relação a uma possível anormalidade- ao distanciamento do que se constituiria como uma adolescência padrão:

O conflito em relação à própria normalidade ou anormalidade é presença constante nos textos da revista: apanhado no testemunho das leitoras, o problema é pauta de diferentes matérias, cujo objetivo é definir para a menina seu lugar numa determinada hierarquia de comportamentos, sentimentos e atitudes; constatada alguma "anormalidade", a revista propõe os procedimentos necessários a um "modo normal" de ser ou existir. (FISCHER, 1996, p. 246)

Com o objetivo de compreender de que modo as revistas constroem e representam a sexualidade na adolescência Silva (2006) analisou edições do período entre 2003 e 2005 das revistas *Atrevida*, *Capricho* e *Todateen*, buscando identificar que estratégias são aplicadas na relação com as leitoras. Destacou a relação de ensino-aprendizagem estabelecida, o tom didático presente nos discursos, principalmente nas seções de perguntas e respostas. O discurso de especialistas- ginecologistas, psicólogos, terapeutas, sexólogos, educadores sexuais é apresentado para conferir autoridade e credibilidade às mensagens, na maioria das vezes repletas de normatizações, excluindo as diversidades e pluralidades de adolescências, como na raridade em que é abordada a homossexualidade e a ausência de referências à transexualidade e à violência/abuso sexual.

O livro "A mídia como consultório", organizado por Vivarta (2003) traz



importantes reflexões sobre as colunas de consulta- as seções de perguntas e respostas veiculadas na mídia onde leitores tiram suas dúvidas sobre sexualidade, comportamento, relacionamentos, saúde, entre outros temas. Estas colunas estão hoje consolidadas em vários veículos sendo consideradas como importantes espaços de interatividade e prestação de serviços. Com a preservação do anonimato e a partir de uma abordagem interativa, direta e didática a apresentação de dúvidas e experiências individuais permite que as mais variadas questões sejam abordadas e discutidas, já que embora se esteja partindo de um caso específico, a resposta, ao ser veiculada, chegará a outras pessoas em situações parecidas em diversos contextos. De acordo com a pesquisa apresentada, são ao todo quatro mil perguntas enviadas por mês às principais seções de consultas do país, das quais 47% são formuladas por adolescentes de 13 a 17 anos. É enfatizada a importância dessas colunas, como um espaço de esclarecimento, fornecimento de informações e compartilhamento de experiências, mas também é destacada a necessidade da avaliação de como esses materiais estão sendo construídos. Na análise das cartas respondidas em 59 colunas de consulta de 22 veículos veiculadas entre os meses de setembro de 2001 e março de 2002, foram identificados diversos problemas como respostas inadequadas e preconceituosas, além da falta em alguns casos de domínio e embasamento sobre os temas focados, e também o silenciamento sobre questões importantes, como as desigualdades de gênero, família, violência e drogas. Apenas 0,5% das questões fizeram referência aos padrões de masculinidade e feminilidade, o que é preocupante, já que muitas vezes as respostas colaboram para a manutenção de representações preconceituosas vigentes como a maior liberdade afetivo/sexual dos meninos, a supervalorização da virgindade feminina, a falta de co-responsabilidade na anticoncepção e na prevenção às DSTs, os ensinamentos para as meninas sobre como dar prazer aos namorados sem também abordar como valorizar e estimular o próprio prazer etc. Das 362 cartas publicadas em veículos para adolescentes, apenas 12 eram sobre a homossexualidade, a bissexualidade e a dúvida com relação a orientação sexual (VIVARTA, 2003).

Nas análises de revistas realizadas por Miguel (2005), Lira (2009), Gurgel (2007), Oliveira (2005), Buitoni (1981), Santos (2006), Fischer (1996) e Silva (2006) os autores identificaram que a leitora a quem se dirige é a adolescente heterossexual e que o modelo de feminilidade proposto é baseado em estereótipos cristalizados de gênero como a delicadeza, a doçura, a passividade, a busca de agradar os garotos, reiterando a posição de



submissão ao desejo masculino historicamente atribuída às mulheres. São muitas as dicas, os conselhos, as recomendações, as técnicas, as receitas para como a garota deve ser e se comportar para que um relacionamento heterossexual dê certo. Tantas instruções e prescrições ilustram o que questiona Louro (2003, p. 17), ao discutir a heterossexualidade: “É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento”.

Louro (2003) define a heteronormatividade como a compreensão da heterossexualidade como a única forma aceita, natural, normal, correta, saudável, válida e universal de se vivenciar a sexualidade, a partir do pressuposto de que todos os sujeitos têm uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo e parceiro de seus afetos alguém do sexo oposto, constituindo as outras formas de sexualidade como antinaturais, peculiares e anormais.

Considerando o caráter prescritivo e normativo das revistas femininas, é importante investigar como se dá a naturalização da heterossexualidade e os investimentos para garanti-la. Buscaremos analisar neste trabalho, através das colunas de consulta "Ficadas e Rolos" da Revista *Atrevida* e "Altos Papos" da Revista *Todateen* como as dúvidas das leitoras com relação aos desejos e sentimentos por pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto são respondidas, buscando compreender de que forma a homossexualidade e a heterossexualidade são representadas nesses materiais.

## **MÉTODO**

A análise apresentada neste trabalho faz parte da pesquisa “Padrões de Normalidade em Sexualidade e Gênero na Literatura para Adolescentes e Jovens”, financiada com Bolsa PIBIC, CNPq (2010-2011). A partir da leitura das edições de março a dezembro de 2010 das revistas *Atrevida* e *Todateen*, ambas revistas femininas mensais destinadas às adolescentes, foram selecionadas as perguntas e respostas presentes nas seções de carta que se referiam de alguma forma a relacionamentos homossexuais. Nas 18 seções analisadas, o tema foi abordado apenas duas vezes na Revista *Atrevida* e duas vezes na Revista *Todateen*. Como os relacionamentos heterossexuais foram abordados em todas as edições, foram selecionadas três perguntas e respostas e uma matéria que diziam respeito às mesmas questões, com a diferença de que a dúvida era sobre relacionamentos

com alguém do sexo oposto. As questões foram: 1. “Paixão pelo(a) melhor amigo(a)”; 2. “Relacionamento à distância”; 3. “Dificuldades em se aproximar”; 4. “Mentir ou não para a família”.

## RESULTADOS

### 1. Paixão pelo (a) melhor amigo (a).

Miguel (2005) ao analisar a Revista Capricho, discutiu sobre a abordagem da homossexualidade, que era sempre negada e silenciada, colocada como uma fase passageira, uma confusão entre atração e admiração. Podemos observar uma abordagem similar na resposta publicada na seção Namoros e Rolos da Revista Atrevida (Edição 194, p. 16):

*Será que é amor?*

*Percebi que estou apaixonada pela minha melhor amiga. Não sei como lidar com essa situação. Nunca beijei outra garota, mas sei que se eu me abrir com ela, posso perdê-la. Devo arriscar?*

*R., por email*

*Na adolescência, é muito comum garotas andarem em duplas. Nossa melhor amiga é aquela que nos compreende, nos ensina coisas, às vezes faz a gente se sentir importante por ensinarmos a elas o que não sabe. Numa fase em que é tão difícil lidar com os garotos, e até com os pais, as melhor amigas parecem, muitas vezes, bem mais interessantes. É aí que as coisas podem se confundir. E se você for precipitada, pode assustá-la e perder essa amizade. Dê mais um tempo para compreender melhor o que você sente. Talvez seja um amor profundo e especial. Mas um amor fraterno, que poderá fazer com que permaneçam amigas por anos.*

(ATREVIDA, EDIÇÃO 194, p. 16)

Nesta resposta, podemos ver que há a construção da representação de que a atração por garotas é provavelmente uma confusão, já que, como as amigas são importantes na adolescência, há a possibilidade de confundir o amor profundo, especial e fraterno que pode durar por anos por uma paixão que, se for expressa de forma precipitada, fará com que a pessoa se assuste e ela perca a amizade. A recomendação de que se dê um tempo para compreender melhor o que se sente, neste contexto, pode indicar que se espera que a paixão passe.

Muitas vezes as revistas oferecem receitas, guias e manuais para que as garotas consigam, em seus relacionamentos com os garotos, que eles a compreendam, a dêem atenção e carinho, as façam se sentir importantes (SANTOS, 2006; LIRA, 2009; MIGUEL, 2005). Nesta resposta, são usados estes mesmos elementos para argumentar que a leitora pode estar se confundido e sendo precipitada. O mesmo não acontece quando o interesse é por um amigo, como podemos ver a seguir, no trecho da matéria "Namoro ou Amizade", da Revista Atrevida (Edição 192, pp. 64-66):

*Apaixonada pelo Amigo?*

*(...) Você e seu melhor amigo têm milhares de coisas em comum- e por isso são tão próximos!-, confiam um no outro e já se entendem só pelo olhar. Então, não é a coisa mais difícil do mundo pintar também uma vontade de levar a história adiante, de conhecer esse garoto fofo também no papel de namorado. (...) um romance que começa a partir da amizade tem tudo para dar certo. (...) Há grandes chances de um final feliz. Conhecendo as vontades dele, os gostos e as manias como ninguém, você tem muito mais probabilidade de acertar e de conquistar o garoto de vez (ATREVIDA, 192, p. 64-64).*

Assim, no caso de estar apaixonada pela melhor amiga, a proximidade, a intimidade, a compreensão mútua são fatores que podem estar confundindo a leitora, que corre o risco de agir de forma precipitada em relação à amizade. Já na paixão pelo melhor amigo, os mesmos elementos - a proximidade, a confiança, ter coisas em comum- são fatores que indicam grandes chances de um final feliz. O discurso da Revista Atrevida é contraditório, quando afirma que "*um romance que começa a partir da amizade tem tudo para dar certo*", e, no caso da amizade ser com alguém do mesmo sexo, afirmar que é uma confusão. A forma como a homossexualidade é representada reflete os padrões vigentes, em que a heterossexualidade é vista como natural, esperada, incentivada, enquanto entre pessoas do mesmo sexo só é possível um "amor profundo e especial. Mas um amor fraterno", como nas palavras da própria revista.

É importante também ressaltar que não é repressiva apenas a representação do sentimento entre meninas como uma confusão, sendo maior a possibilidade de ser só uma amizade, mas também a compreensão de que entre uma menina e um menino é "normal" querer "levar a história adiante, conhece-lo também no papel de namorado". Como vimos, a Heteronormatividade consiste neste pressuposto de que todas as pessoas se sentirão

atraídas e desejarão se relacionar afetivamente com alguém do sexo oposto (LOURO, 2003), e a ênfase dada a possibilidade da amizade virar namoro na matéria é também repressiva, excluindo outras formas de se relacionar que não aquelas esperadas pelos padrões normativos vigentes.

## **2. Amor à distância: "Armadilha" x "Caminho Certo"**

É frequente entre as matérias sobre relacionamentos das revistas dicas e conselhos sobre como lidar com o sentimento e com o namoro com alguém à distância. Mas, no momento em que o sentimento se dá por alguém do mesmo sexo, a ênfase recai na dificuldade, como podemos ver a seguir:

*“Mais que Amiga*

*Há um tempo, venho percebendo que estou gostando de uma amiga. Mas eu nunca gostei de menina antes, é tudo novo pra mim. Eu não me sentiria tão incomodada de isso estar acontecendo se eu não tivesse medo da reação da minha mãe. E, pra piorar a situação, essa menina mora em outro estado. E agora?*

*C.L., por email*

*Antes de qualquer coisa, saiba que relacionamentos à distância podem ser uma “armadilha”. Muitas vezes, nos apaixonamos pela pessoa que “idealizamos” e não pelo que ela é de verdade. Com relação ao fato de ela ser uma garota, ainda é cedo para afirmar que gosta de meninas. O que pode estar acontecendo é que ela está lhe dando colo, lhe ouvindo. Para descobrir qual é a sua, procure conhecer meninos e meninas, preste atenção aos seus sentimentos e descubra quem mais a atrai. Por causa disso, ainda não dá para imaginar a reação da sua mãe.” (ATREVIDA, edição 189, p. 16)*

Assim, como pode ser visto, a resposta é construída como se os problemas fossem a distância e o risco de estar "idealizando" a pessoa. Estes argumentos são contraditórios, já que muitas vezes, como dissemos, as revistas femininas apresentam guias, manuais, dicas e técnicas de como se manter um namoro à distância, e a questão da idealização dificilmente é mencionada, inclusive sendo alimentada pela forma como as revistas representam os "gatos" quando a questão é o relacionamento heterossexual- sendo que a distância e a idealização são fatores que podem acontecer em qualquer relacionamento. Mais uma vez é colocado o alerta de que pode ser uma confusão: a menina dá colo, ouve- como se dar colo

e ouvir não pudessem fazer parte de um relacionamento e não fossem fatores que, se fosse sobre um menino que se estivesse falando, seriam interpretados como "sinais" de que se deve ir em frente e que pode dar certo. É curioso observar que a dica "*para descobrir qual é a sua, procure conhecer meninos e meninas, preste atenção aos seus sentimentos e descubra quem mais a atrai*" só é dada quando a menina está interessada por alguém do mesmo sexo. Por que essa dica não está presente nas tantas matérias sobre "como encontrar um grande amor", "como ser feliz no namoro", que as revistas trazem?

O fato da leitora estar preocupada com a reação da mãe está relacionado com o forte preconceito presente na sociedade que, por ser sustentada por valores heteronormativos, é permeada pela expectativa de que as pessoas se relacionem com pessoas do sexo oposto, sendo importante discutir a questão da discriminação quando se fala sobre a homossexualidade. A resposta "*ainda não dá para imaginar a reação da sua mãe*", nesse contexto, é, mais uma vez, relacionada com a mensagem das revistas de que a atração por alguém do mesmo sexo deve ser uma fase, uma admiração passageira, que sempre é "cedo" para saber, como este trecho também exemplifica. Colocar a distância e a idealização como armadilhas e problemas, sem mencionar o grande problema que é o preconceito reflete a forma como a homossexualidade é negada, silenciada e negligenciada pela revista. Quando se trata de um amor à distância heterossexual, o discurso é diferente, estar longe é amenizado pela expressão "perto do coração", título desta resposta dada a uma leitora que diz gostar de um menino que mora em outra cidade:

*Se vocês estão se curtindo, aproveitem! Vocês são novos e ainda têm muita coisa para viver. A distância é difícil, mas não é insuperável. Aprendam a aproveitar o tempo que têm juntos e a curtir a individualidade dos momentos em que passam distantes um do outro. O importante é correr atrás daquilo que a faz feliz. Ouça seu coração, ele conhece o caminho certo. (TODATEEN, Edição 179, p. 14.)*

Aqui, a distância é colocada como difícil, mas não insuperável. A importância de correr atrás do que a faz feliz, ouvir o coração, curtir, aproveitar só é mencionada no caso da atração por alguém do sexo oposto. Bem diferente da "armadilha" e do risco de "idealização" alarmados com a leitora interessada por uma menina.

### **3. Timidez**

A timidez diante da pessoa por quem a garota está interessada é também um assunto

recorrente das revistas, sempre presentes nas colunas de consulta. Nem tão frequente é a abordagem sobre os sentimentos por alguém do mesmo sexo, e, diante dessa situação, os cuidados recomendados são diferentes, como podemos ver a seguir:

#### *Confusão*

*"Pela primeira vez em minha vida, estou apaixonada por uma garota. Ela é bissexual e prefere ficar com meninas. Sinto que preciso ter essa experiência, mas não tenho nem coragem de falar com ela pelo MSN. E agora?"*

*N, 13 anos*

*Primeiro, tome coragem para conhecê-la melhor. Isso ajudará você a entender a si mesma e a descobrir seus verdadeiros sentimentos. Depois, você estará mais segura quanto aos seus desejos e vai descobrir a melhor maneira de realizá-los. E, antes de dar um passo adiante, certifique-se de que seu sentimento não é apenas uma admiração que você confundindo com paixão, tá? (TODATEEN, Edição 172, p. 14)*

Conhecer a garota melhor pode ajudar a leitora a descobrir seus "verdadeiros sentimentos". Logo depois, novamente ocorre a advertência sobre o risco de ser uma admiração, uma confusão, justificando que é necessário esperar, recomendações que só são dadas quando a pessoa está interessada em alguém do mesmo sexo. Admiração confundida com paixão, idealização, necessidade de descobrir os sentimentos verdadeiros não acontecem com relação a meninos, já que neste caso é "natural". Na mesma edição, na mesma página, uma leitora tímida diz gostar de um menino tímido:

#### *Essa tal timidez*

*"Sou tímida e gosto de um menino mais tímido ainda. Como faço para me aproximar dele, deixar a timidez de lado e pedi-lo em namoro?"*

*Giovanna, 11 anos.*

*Por é Gi, a timidez faz com que a gente perca grandes chances, não é mesmo? Por isso, você vai ter que treinar formas de se aproximar do garoto com suas amigas. Estreitar os laços através da net é uma ótima pedida, que tal? Uma coisa legal é que ele também é tímido, por isso, vai entender você melhor. (TODATEEN, Edição 172, p. 14)*

A aproximação do garoto é vista como uma "grande chance". Por ela ser tímida, o fato dele ser tímido também fará com que ele a compreenda melhor. No caso da leitora que não tem coragem de se aproximar da amiga bissexual, não foi dito que o fato da amiga ser

bissexual fará com que ela a compreenda melhor. Nessa situação, gostando de um menino, ela não precisa esperar, nem descobrir se os sentimentos são verdadeiros, nem se certificar se é só uma admiração: ela precisa treinar formas de se aproximar e estreitar os laços.

#### **4. Esconder da Família**

As dificuldades de diálogo com a família sobre relacionamentos e sobre sexualidade são abordadas em vários momentos nas matérias das revistas. Essas dificuldades tendem a ser maiores diante de relacionamentos com alguém do mesmo sexo, diante do forte preconceito em nossa sociedade. Ainda assim, na resposta dada a seguir sobre essa situação, isto não foi considerado:

*Socorro*

*"Sou lésbica e há três meses namoro uma menina. Queria abrir o jogo com a minha mãe, mas não sei como. Só contei pra minha melhor amiga".*

*A. 14 anos*

*É bem importante você conseguir conversar com sua mãe, pois começar a mentir é muito pior. Uma mentira sempre desencadeia outras e deixa tudo mais complicado. Você conhece bem sua mãe e, se pensar com carinho, vai encontrar o jeito certo de se revelar. Lembre-se de que as mães, acima de tudo, querem que seus filhos sejam felizes. Boa sorte! (TODATEEN, Edição 166, p. 72.)*

Diante do medo da leitora em conversar com a mãe, não é problematizado e nem mesmo mencionado o preconceito, as expectativas heteronormativas tão fortemente presentes na nossa sociedade. A mentira é colocada como algo errado, mas a discriminação contra pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, que pode acontecer na reação da mãe, não é considerada, pela visão idealizada de que "as mães, acima de tudo, querem que seus filhos sejam felizes"- numa sociedade em que a felicidade é diretamente relacionada a ideais normativos como a realização amorosa com alguém do sexo oposto, a formação de uma família com filhos etc. A questão não é que a resposta deveria ter incentivado a leitora a mentir, e sim, que seria importante incentivar a reflexão sobre que fatores alimentariam a possibilidade de uma reação negativa da mãe, problematizando os valores preconceituosos vigentes.

*Escondido?*

*"Tenho 13 anos e o meu ex tem 19. Quando minha mãe descobriu a idade dele,*

*mandou eu terminar o namoro. Eu terminei, mas nós dois estamos sofrendo. Não sei se volto a namorar com ele escondido. O que faço? Kathelin, 13 anos, por e-mail.*

*Kathelin, não aconselho a fazer nada escondido. Acredito de verdade que você pode conversar com sua mãe e deixar claro que vocês querem ficar juntos, se gostam de verdade e que, se ela for contra, pode ser ruim para relação entre mãe e filha, isso porque você deseja ser amiga dela. É muito melhor abrir o jogo do que mentir. (TODATEEN, edição 175, p. 14)*

A recomendação sobre não mentir está presente nas duas respostas, que são bem parecidas. No caso da relação que está sendo escondida ser heterossexual, a leitora é aconselhada a deixar claro que os dois querem ficar juntos e se gostam de verdade, o que não acontece na primeira resposta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para resumir os dados encontrados, podemos retomar o pensamento de Guacira Lopes Louro sobre a Heteronormatividade, parafraseando-a ao falar sobre a escola:

Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente (...) é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais — nos padrões da sociedade em que a escola [a revista] se inscreve. (...) Mas, a própria ênfase no caráter heterossexual poderia nos levar a questionar a sua pretendida "naturalidade". Ora, se a identidade heterossexual fosse, efetivamente, natural (e, em contrapartida, a identidade homossexual fosse ilegítima, artificial, não natural), por que haveria a necessidade de tanto empenho para garanti-la? (LOURO, 2003, p. 81).

Assim, voltamos a enfatizar o caráter repressivo dos discursos normativos e prescritivos das revistas, que, ao apresentarem técnicas, receitas, guias, manuais, constroem modelos e padrões de como deve ser (e como não deve ser) um relacionamento, em detrimento da reflexão crítica, do estímulo para que as adolescentes pensem e realizem suas escolhas de forma autônoma e emancipatória. Tanto a estimulação dos relacionamentos heterossexuais, colocados como naturais, como o “caminho certo”, quanto a amenização de qualquer possibilidade de aproximação entre pessoas do mesmo sexo estão baseadas nesta lógica de oferecer modelos a serem seguidos, ignorando a diversidade a multiplicidade das relações humanas.

Como afirmaram Katz (1996), Castañeda (2007), Facco (2009), Louro (2009) Weeks (2010) e Costa (2002) os conceitos de heterossexualidade e homossexualidade são construções sociais, culturais e históricas, apesar de serem tomados como essências e como identidades fixas. A compreensão de tais conceitos acontece sempre de modo relacional, ou seja, a construção da heterossexualidade enquanto norma se dá a partir da construção da homossexualidade enquanto desvio, de forma que se constrói uma hierarquia que divide, classifica e estigmatiza sentimentos, relações, afetos e desejos.

Combater o preconceito é de fundamental importância, a exclusão, a negação e o silenciamento da homossexualidade é algo bastante grave e se dá não apenas nos conselhos analisados, mas em toda a construção das revistas que se dirigem o tempo todo a uma leitora heterossexual, em busca de se encaixar nos modelos de feminilidade propostos e agradar o olhar masculino (BUIIONI, 1991; FISCHER, 1996; GURGEL, 2007; LIRA, 2009; MIGUEL, 2005; OLIVEIRA, 2005; SANTOS, 2006; SILVA, 2006).

Assim, como afirmou Miskolci (2009) é preciso compreender que a Heteronormatividade, além de opressora para aquelas pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, estigmatizadas como desviantes e anormais, também atinge a todos, já que o conjunto de prescrições e expectativas que fundamenta os processos sociais de regulamentação e controle que estabelece um modelo de sexualidade e gênero supostamente coerente, superior e “natural”, é inalcançável, repressor, restritivo e limitante para todos, negligenciando a diversidade e multiplicidade que caracteriza a sexualidade humana.

## REFERÊNCIAS

- BUIIONI, D. H. S. **Mulher de Papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. Edições Loyola, São Paulo: 1981.
- CASTAÑEDA, M. A **Experiência Homossexual**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.
- COSTA, J. F. **A Inocência e o Vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FACCO, L. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.

FISCHER, R. M. B. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade.** Tese de Doutorado Não-Publicada. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FELIPE, J.; BELLO, A.T. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.**- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009. p. 141-157. (Coleção Educação Para todos, vol. 32)

FISCHER, R. M. B. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV.** – 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 160p. (Coleção Temas & Educação).

GURGEL, R. T. **A mulher de Capricho: uma análise do perfil das leitoras através dos tempos.** Estudos semióticos, vol. 6., no 1, p. 94-106, junho de 2010.

JUNQUEIRA, R. D. Escola e Enfrentamento à Homofobia: Pelo Reconhecimento da Diversidade Sexual como Fator de Melhoria da Educação de Tod@s. Em: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar.** Rio de Janeiro: FURG, 2008.

KATZ, J.N. **A invenção da heterossexualidade.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LIRA, L. C. E. **Como se constrói uma mulher: uma análise do discurso nas revistas brasileiras para adolescentes.** 2009. Dissertação. (Mestrado em Linguística)- Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva- 3. ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 176p.

\_\_\_\_\_. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.**- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009. p. 85-93. (Coleção Educação Para todos, vol. 32)

\_\_\_\_\_. Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade. In: UZIEL, A.; RIOS, L. e PARKER R. G. (Orgs). **Construções da Sexualidade. gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS.** Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEYER, D. E. E. Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, R. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. (Coleção Educação para todos). Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO, 2009, pp. 213- 233.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, no 21, jan/jun 2009, p. 150-182.

MIGUEL, R. B. P. De “moça prendada à “menina super poderosa””: um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na revista Capricho (1952-2003). 2005. 169 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

OLIVEIRA, C. S. **As Adolescentes Negras no Discurso da Revista Atrevida**. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

SANTOS, D. B. **Ideais de mulher**: estética de corpo e de relações afetivo-sexuais veiculados pela mídia escrita em revistas direcionadas ao público jovem no contexto brasileiro. 2006. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SILVA, P. C. **A Sexualidade Construída nas Páginas das Revistas Adolescentes**: Um estudo de caso de Atrevida, Capricho e Todateen. 2006. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

VIVARTA, V. **A mídia como consultório?** Brasília: Andi, Unicef, Ministério da Saúde, 2003.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva). 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.